

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2024

ANO 9 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: MC TYRANO

Batalha de Rima é um movimento que salva

Manifestação cultural da periferia ganha espaço, visibilidade e transforma a vida de adolescentes e jovens

Repórteres: Arthur Vieira,
Isadora Corrêa e Sofia
Camargo

As batalhas de rima nasceram do rap, um movimento cultural que ocupa espaços nas periferias de grandes cidades, sendo considerada uma prática de resistência e transformação, especialmente para MCs como Tyrano, de Franca (SP). Rimando há sete anos, nas batalhas ele pode expressar suas habilidades e discutir questões sociais e pessoais. No início, a família tinha medo porque considerava o rap perigoso, mas hoje entende que é arte e cultura. Para o MC, é um movimento que pode educar, inspirar e mudar vidas.



MURAL ENTREVISTA - Para quem não te conhece, quem é o Tyrano?

TYRANO - Meu vulgo (Tyrano) veio do apreço que tenho desde criança em relação a dinossauros, principalmente ao Tiranossauro. Ele era meu preferido porque tinha uma presença forte, geral sentia o poder dele. Isso em nome de batalha cabe muito bem. Já faz sete anos que rimo, e meu vulgo sempre foi este. E o Denilson sou eu fora da batalha. No meio disso tudo acabei me identificando com o Miles Morales e eu me vejo muito nele, saca? Ele é um herói que me identifico: um moleque da quebrada que vira referência na comunidade. Além disso, ele é preto, o que aumenta minha identificação, e eu carrego a energia dele ao batalhar.

Como você começou na batalha de rima?

Durante um curso que fazia com meus amigos, a gente rimava pra zoar, até que as rimas começaram a ficar boas. Na época, nem sabíamos que tinha batalha na cidade, mas descobrimos uma perto de casa, a Batalha

do Brasa. Fomos assistir e um amigo me inscreveu sem eu saber. Foi onde tudo começou. Foi minha primeira vez batalhando. O rap sempre esteve presente em minha vida, por causa da minha família, que é da periferia. Ele nos dá uma visão nova e nos tira do mundão. Tive muitas inspirações mas, hoje, meu maior ídolo é o Jotapê, que mudou minha visão sobre a batalha e me fez levar tudo ainda mais a sério.

Quais técnicas você considera essenciais para uma boa batalha?

É necessário ter constância, carisma, treino e sagacidade, tá ligado? Tem que ter técnica pra não falhar na dicção, pra não algumas brechas durante a batalha e ter um flow que agrada ao público. Na batalha, rimar é a parte fácil, o difícil é se manter no tema e debater sobre. Vocabulário é essencial, mas ter a malícia pra fazer trocadilhos e brincadeiras é

um diferencial. Se você não tiver o que falar, não adianta ter só a rima; é o tema que sustenta tudo. Jamais vou com algo decorado; vou no freestyle e falo o que estiver no peito.

Como você se sente batalhando?

É diferente rimar na própria cidade do que em palcos maiores. Na Batalha da Aldeia [São Paulo], por exemplo, foi mágico e assustador. Mesmo que você se sinta pronto, lá é outra vibe e outro público, todo mundo está pela batalha. Rimando, tento focar no que estou ouvindo e no que vou responder, seja algo sério ou uma brincadeira. Na hora que o beat toca e "tô" ali esperando o outro falar, parece que entro em outro universo, só eu e a batalha.

O que a batalha de rima e o movimento representam para você?

Pra nós, MCs, a batalha de rima é um espaço de expressão onde podemos

falar sobre problemas sociais, questões da cidade ou até sentimentos pessoais, colocando nossa energia para fora. A batalha faz parte do movimento rap, que é um movimento cultural que aborda questões sociais, principalmente, sobre a periferia.

O que representa, para você, o crescimento da batalha de rima no Brasil?

É importante, principalmente pra periferia, ter um lugar onde a gente pode se envolver com arte enquanto se educa. A batalha te ensina e afasta das coisas erradas. As pessoas que você encontra ali são professores, amigos que estão indo atrás de uma melhora com você. É melhor ver um moleque da quebrada numa batalha do que na boca. Esse espaço cultural é essencial pra trazer mais gente à arte, tirar do crime e das drogas e vem quebrando várias barreiras do preconceito sobre o marginal. A Batalha da Aldeia, por exemplo, é transmitida no PodPah, um podcast de dois "maluco" que vieram da periferia. Eles dão voz pra quem veio do mesmo lugar, isso é um quebra barreira gigante, dá esperança e mostra que esse bagulho é possível.

O quanto a batalha mudou sua vida?

O que mais mudou foi a forma de agir com as pessoas. Quando eu era criança, adorava discutir, sempre defendendo meu ponto de vista até alguém me provar o contrário. Quando entrei nas batalhas, vi que nos debates têm o momento de falar e o de ouvir; você tem que escutar antes de dar sua opinião, entende? Na minha educação isso ajudou muito, e no meu convívio com as pessoas também.

Qual é a maior dificuldade que os MCs de batalha enfrentam hoje?

A plateia. Porque, de certa forma, muitas pessoas

vão ali pra assistir um MC específico, e não o contexto todo da batalha, tá ligado? Com a visibilidade da cena hoje, tem um público que vem das redes sociais e atrapalha a cultura. O hype também pesa muito, porque quem não é famoso enfrenta mais dificuldades contra alguém que tem o favoritismo; nem tudo que a gente fala é recebido do mesmo jeito que seria se o outro falasse, sabe? A galera ama mais o MC do que a rima.

Qual é o seu objetivo a longo prazo?

Espero que eu possa me falar parabéns e ser grato, tanto às pessoas que me ajudaram quanto aos que me desafiaram e me fizeram crescer. Real, quero olhar pra trás e agradecer a mim mesmo por não desistir. Entrei nas batalhas quando comecei a fazer música. As duas coisas andam juntas. Quem faz música tem uma musicalidade na hora de fazer rima, e quem rima ganha vocabulário pra música. Espero que ambos me levem a ser um artista renomado e respeitado nas ruas, "tá ligado"? ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp - Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa

APOIO TÉCNICO

Janio Warlem (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)